

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE FINANÇAS E CONTABILIDADE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ANTONIO FERNANDO OLIVEIRA GONÇALVES ZUZA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PRÁTICAS DO USO DE CARTÕES DE CRÉDITO:
UM ESTUDO COM DISCENTES DA UFPB**

JOÃO PESSOA
2014

ANTONIO FERNANDO OLIVEIRA GONÇALVES ZUZA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PRÁTICAS DO USO DE CARTÕES DE CRÉDITO:
UM ESTUDO COM DISCENTES DA UFPB**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Contábeis, do Departamento de Finanças e Contabilidade, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Wenner Gláucio Lopes Lucena.

JOÃO PESSOA
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z96e Zuza, Antonio Fernando Oliveira Gonçalves.

Educação financeira e práticas do uso de cartões de crédito: um estudo com discentes da UFPB. / Antonio Fernando Oliveira Gonçalves Zuza. – João Pessoa: UFPB, 2014.
57f.:il

Orientador(a): Profº. Drº. Wenner Gláucio Lopes Lucena.
Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) – UFPB/CCSA.

1. Educação financeira – alunos da UFPB. 2. Gestão financeira – cartões de crédito. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU: 658.15(043.2)

ANTONIO FERNANDO OLIVEIRA GONÇALVES ZUZA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PRÁTICAS DO USO DE CARTÕES DE CRÉDITO:
UM ESTUDO COM OS DISCENTES DA UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel.

Resultado: _____

João Pessoa, ____ de _____ de 2014

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Wenner Gláucio Lopes Lucena

Prof. MSc. Iana Izadora Souza Lapa de Melo Paulo

Prof.MSc. Vinícius Gomes Martins

João Pessoa

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo presente da vida, por permitir chegar até esse momento, estar comigo nos mais diversos momentos;

Aos meus familiares, meu pai, especialmente minha mãe, minha irmã e meu irmão por serem do jeito que os amo;

A minhas tias, Mary e Marilu, por todo suporte dado;

A minha namorada, pela compreensão e paciência;

Aos meus professores, pelos ensinamentos tanto profissionais quanto de vida;

Ao meu orientador, professor Dr. Wenner Gláucio Lopes Lucena, pelas orientações, incentivos e paciência;

E aos meus amigos, colegas de curso, que levamos para vida o que aprendemos nesse período junto.

*“Nós somos aquilo que fazemos
repetidamente. Excelência, então, não é
um modo de agir, mas um hábito.”*

(ARISTÓTELES)

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo identificar as práticas financeiras na utilização de crédito por meio dos cartões de pagamento e as necessidades de educação financeira dos alunos da UFPB. A metodologia aplicada é quanto aos objetivos foi exploratória e descritiva, e quanto aos procedimentos utilizados foi pesquisa de campo. A amostra foi composta pelas 375 questionários. Os principais resultados foram: aproximadamente 11% da amostra da pesquisa são classificados como risco de má gestão de crédito, sendo composto na maioria por mulheres e de até 23 anos; a maioria do total da pesquisa possui um cartão de crédito até o primeiro ano na universidade; os pesquisados preferem receber informações sobre finanças através da *internet* e de um profissional financeiro; o baixo nível de conhecimento dos jovens é causado devido ao estágio inicial do ciclo de vida financeiro; os problemas do mau gerenciamento das dívidas de cartões de crédito incluem acumulo de dívidas, problemas financeiros, problemas emocionais e baixo desempenho acadêmico.

Palavras-chave: Cartões de Crédito. Gestão Financeira. Educação Financeira

ABSTRACT

This study aimed to identify the financial practices in the usage of credit card by means of payment and the needs of financial education by UFPB's student. The methodology is applied as the objective was exploratory and descriptive, and the procedure used was field research. The sample was composed of 375 questionnaires. The main results were: approximately 11% of the survey sample are classified as risk of poor credit management, consisting mostly of women and up to 23 years; the majority of the total survey has a credit card until the first year of university; respondents prefer to receive information on finance over the internet and a financial professional; the low level of knowledge of young people is caused due to the early stage of the financial life cycle; the problems of mismanagement of debts of credit cards include accumulation of debts, financial problems, emotional problems and low academic performance.

Keywords: Credit Cards. Financial Management. Financial Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1: Faturamento das práticas financeiras com cartão	21
Gráfico 2: Faturamento dos cartões de crédito e débito	22
Quadro 1: Pesquisadores de Educação Financeira no mundo	32
Quadro 2: Resultados da Educação Financeira pelo mundo	33

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Características demográficas da pesquisa	40
Tabela 2 – Descrição do uso de cartões de crédito	41
Tabela 3 – Preferências sobre recebimento de informações financeiras	43
Tabela 4 – Conhecimentos e preferências por temas de Educação Financeira	42
Tabela 5 – Participação de cursos relacionados a finanças	43

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABECS - Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços

CNC - Confederação Nacional do comércio

IES - Instituição de Ensino Superior

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico

OSU - Universidade Estadual de Ohio

Peic - Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	TEMA E PROBLEMA	12
1.2	OBJETIVOS	15
1.2.1	Objetivo Geral	15
1.2.2	Objetivos Especificos	15
1.3	JUSTIFICATIVA	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	CARTÕES DE CRÉDITO	17
2.1.1	Elementos do mercado de cartões de crédito	17
2.1.1.1	<i>Portadores</i>	17
2.1.1.2	<i>Estabelecimento comercial</i>	18
2.1.1.3	<i>Credenciadora</i>	18
2.1.1.4	<i>Administradora</i>	19
2.1.1.5	<i>Bandeira</i>	19
2.1.2	A participação dos meios de pagamento eletrônicos no mercado de crédito.	20
2.2	EDUCAÇÃO FINANCEIRA E AS PRÁTICAS DE CRÉDITOS COM UNIVERSITÁRIOS	22
2.3	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO EXTERIOR	29
3	METODOLOGIA	39
4	ANÁLISE DOS DADOS	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO	52

1 INTRODUÇÃO

Históricamente o Brasil vem se tornando uma potência no cenário econômico mundial e os brasileiros estão aderindo ao comportamento consumista impulsionado pelo capitalismo. A Educação Financeira não está presente no cotidiano escolar da população brasileira, porém é comum na Educação Básica - Ensino Fundamental e Médio - as Instituições Escolares fomentarem o espírito empreendedor dos alunos.

A falta de conhecimento sobre Educação Financeira aumenta a probabilidade do cidadão se endividar. Atualmente é comum as pessoas se endividarem, independentemente de seu poder aquisitivo ou da sua formação profissional. Os jovens são os mais suscetíveis a se tornarem inadimplentes das operadoras de cartões de créditos por não estarem preparados para conviverem com a facilidade em adquirirem um limite de crédito disponível e por ainda serem imaturos financeiramente para lidarem com as práticas financeiras com cartão de créditos.

Dentre os jovens, os universitários são os que encontram mais facilidade para se tornarem titulares de um cartão de crédito. Porém não possuem, na sua formação acadêmica e cidadania, noções de Educação Financeira para serem consumidores responsáveis e conscientes. Esta facilidade que os universitários têm para adquirirem um cartão de crédito aliada a má gestão da finança pessoal pode transformar o crédito em dívida e, assim, o titular se torna um inadimplente.

A promoção da Educação Financeira é essencial para a formação do cidadão atual, em uma sociedade pautada no consumo, independente da classe social, ele deve se preocupar com a eficiência da gestão de sua finança pessoal. Assim, o déficit de Educação Financeira reflete no modo como o brasileiro, principalmente os universitários, utiliza as práticas financeiras de cartões de crédito.

Nesta parte introdutória da pesquisa estão expostos: o tema e o problema; os objetivos da pesquisa, geral e específicos e; a justificativa.

1.1 TEMA E PROBLEMA

A facilidade que universitários encontram, atualmente, para adquirirem um cartão de crédito despertou o interesse em pesquisar de que modo os universitários estão gerindo o uso do seu limite disponível nesta modalidade de crédito, as respectivas consequências da gestão de sua finança pessoal com a utilização destas práticas financeiras e a relevância da Educação Financeira na vida dos universitários ao se inserirem neste atual cenário econômico.

A Educação Financeira e as práticas do uso de cartões de crédito são temas comuns na vida ordinária dos universitários brasileiros, essenciais para a formação do cidadão responsável e consciente, e os previnem para não se endividarem em virtude da atual facilidade em terem acesso ao limite de crédito das operadoras de cartão.

O constante aumento do número de jovens universitários que possuem cartão de crédito ocasiona também o aumento do número de endividados, esta relação direta entre a utilização de práticas financeiras de cartão de crédito e a inadimplência é um reflexo da carência deste público alvo em Educação Financeira. Entre as dívidas mais comuns deste público a que aparece com maior incidência são as contraídas através do uso do cartão de crédito.

A preocupação com o excesso de dívidas nos cartões de crédito fez surgirem pesquisas, realizadas por entidades brasileiras renomadas, que abordam a questão do endividamento financeiro dos brasileiros, independente da sua renda. Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) divulgada, em 2014, pela Confederação Nacional do Comércio (CNC) "o cartão de crédito foi apontado como um dos principais tipos de dívida por 76,6% das famílias endividadas, seguido por carnês, para 16,3%, e, em terceiro, por financiamento de carro, para 13,2%" (CNC, 2014, p. 02)¹.

A Educação Financeira assume um papel fundamental para a transformação do jovem em um adulto responsável, pois de acordo com a Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013, sancionada pela Presidenta da República "institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das

¹ Informação disponível em: <http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/analise_peic_-_julho_2014.pdf> e acessado em 02 de julho de 2014.

políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE".² Quanto mais cedo a pessoa for educada financeiramente menor será a probabilidade de se endividar em consequência do mal uso do limite disponível de crédito.

O crescimento da circularização dos cartões de pagamento retrata a fase de crescimento econômico no Brasil, o aumento do consumo interno e a elevação da renda dos brasileiros aliados à diversidade, a facilidade dos meios de aquisição de bens e serviços e a ausência de Educação Financeira popularizaram o uso de cartão de crédito como forma de pagamento.

Pesquisadores nos Estados Unidos Chen; Volpe (1998); Johnson (2005); Lyons (2003, 2004, 2007) estudaram as práticas de crédito adotadas pelos estudantes universitários. Estes estudos examinaram o uso desta linha de crédito, o montante da dívida, tipos de cartões, e as atitudes dos alunos em relação ao uso do crédito, especialmente sobre o pagamento das mensalidades das Instituições de Ensino Superior (IES), gastos com materiais e acomodações.

A utilização de forma responsável dos cartões de crédito oferece uma série de vantagens para estudantes universitários. Esse meio de pagamento é uma ferramenta útil para o aprendizado da responsabilidade financeira, um recurso em caso de emergência, uma forma de estabelecer um bom histórico de crédito e assegurar um acesso futuro a um maior valor de crédito.

No entanto, se os cartões de crédito forem mal administrados ou utilizados sem responsabilidade, as desvantagens podem resultar em graves consequências financeiras, principalmente para indivíduos financeiramente inexperientes devido ao não entendimento das noções básicas de Educação Financeira em relação as práticas financeiras com a utilização dessa linha de crédito.

Devido a inexperiência com disponibilidade de crédito e a falta de conhecimento de gestão da finança pessoal, os universitários são suscetíveis a set tornarem inadimplentes em virtude dos encargos elevados com efeito acumulativo. Segundo Lusardi (2009), os jovens possuem elevados níveis de endividamento, demonstram fragilidade no conhecimento em Educação Financeira, apresentam deficiência em gerenciarem suas finanças pessoais, são inexperientes nas práticas

² De acordo com Estatuto da Juventude são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> e acessado em 26 de maio de 2014.

financeiras e apresentam dificuldades de compreenderem o efeito cumulativo das taxas de juros sobre a quantidade de dívida contraída.

A exposição a elevados riscos de dívida e o uso indevido e/ou má gestão de crédito após a graduação dos estudantes observados por Lyons (2007) fizeram a autora classificar grupos de riscos os indivíduos que apresentem as seguintes características: Limite de crédito igual e/ou superior a US\$1.000,00; Inadimplentes no pagamento da fatura; Atingem o limite de crédito e; Não executam o pagamento da fatura total.

Para ajudar aqueles com dificuldades no gerenciamento de crédito, Vercoe *et al.* (2001) cita o papel da Educação Financeira na redução dos problemas de gestão da finança pessoal, pois os que aprendem habilidades de gestão financeira em uma idade mais jovem tendem a tomar melhores decisões financeiras do que aqueles que não receberam Educação Financeira.

Na visão de Lyons (2007) as pessoas com baixo nível de conhecimento em Educação Financeira são mais propensas a terem problemas com dívidas, menos suscetíveis a participarem do mercado de ações, a escolherem fundos de investimento com taxas mais baixas, a acumularem riqueza e gerenciarem a riqueza efetivamente, e também são menos propensas a planejarem a própria aposentadoria.

A Educação Financeira é um componente importante da boa gestão financeira e na tomada de decisões, assim, em virtude da facilidade de acesso e do aumento do número de jovens titulares de cartão de crédito eles deveriam possuir, conseqüentemente, mais conhecimento financeiro.

Nesse cenário econômico no qual indivíduos estão tendo acesso ao cartão de crédito sem possuírem nem maturidade nem Educação Financeira lidam com decisões que envolvem gestão de finanças, muitas vezes acabam acumulando dívidas e se encontram em situações que comprometam a sua capacidade de pagamento.

A prática financeira do brasileiro através do uso de cartões de crédito, especialmente quando estão no início da vida adulta, tem o potencial de agravar ainda mais ainda o estado de suas finanças pessoais após se formarem em uma Instituição de Ensino Superior (IES). Os discentes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também se enquadram neste perfil descrito, pois vivenciam as prática financeiras com a utilização dos cartões de crédito.

Dessa forma esse trabalho faz-se a seguinte indagação: **Qual a relevância da Educação Financeira para as práticas financeiras, adotadas por discentes da UFPB, em relação à utilização dos cartões de crédito?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

O objetivo desse trabalho é identificar as práticas financeiras na utilização de crédito por meio dos cartões de pagamento e as necessidades da promoção da Educação Financeira para os alunos da UFPB.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Fornecer uma descrição detalhada do uso de cartão de crédito e as práticas financeiras dos estudantes universitários da UFPB;
- Identificar e caracterizar os alunos que estão em maior risco de endividamento pela má gestão e mal uso de crédito;
- Identificar as consequências dessa gestão financeira para os alunos; e
- Evidenciar a prática do (des)uso da Educação Financeira pelos alunos da UFPB e;
- Constatar a relevância da Educação Financeira para os alunos universitários da UFPB.

1.3 JUSTIFICATIVA

Os alunos universitários da UFPB estão vivenciando as práticas financeiras com a utilização dos cartões de crédito, inserem-se na parcela da população que lidam com operações financeiras regidas por políticas econômicas e calculada pela matemática financeira.

Para conseguir manter o equilíbrio da finança pessoal é necessário uma eficiente gestão financeira. É necessário que o titular do cartão de crédito utilize com responsabilidade seu limite de compra. O adequado planejamento dos gastos de acordo com sua renda inibe a inadimplência das faturas dos cartões. Assim, a Educação Financeira é essencial para a saudável relação do universitário com a facilidade de utilizar o limite de crédito disponibilizado pelas operadoras de cartões.

A escassez de pesquisas nacionais identificando o perfil dos usuários de cartões de crédito permite uma lacuna de informações nessa área. Diferente do que ocorre na literatura estrangeira citadas no início desse trabalho, nos quais dão importância sobre as consequências do uso dos cartões de crédito e o bem-estar do titular.

Esta pesquisa se justifica por possibilitar conhecer as práticas financeiras com cartões de crédito utilizadas pelos discentes da UFPB, o perfil dos alunos que se encontram mais suscetíveis a inadimplência, bem como avaliar a qualidade das gestões de suas finanças pessoais e descobrir se utilizam noções de Educação Financeira. Assim, é relevante a realização deste trabalho, descritivo e explicativo, para evidenciar o comportamento de risco no uso de cartões de crédito e a importância da utilização da Educação Financeira neste contexto socioeconômico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CARTÕES DE CRÉDITO

Este capítulo apresenta um breve esclarecimento sobre os elementos do mercado de cartões de crédito e sua participação nos meios de pagamento utilizados pelos titulares.

2.1.1 Elementos do mercado de cartões de crédito

O Brasil vem apresentando aumento constante na utilização de práticas financeiras com cartões de crédito, seguindo a tendência mundial, os cinco atores geralmente envolvidos na prática financeira com cartões de crédito são: portador, estabelecimento comercial, credenciadora, administradora e bandeira. Abaixo Alvarenga (2006) descreve cada um desses elementos. Porém, no Brasil é comum a cobrança de taxas anuais por associação enquanto que os norte-americanos dificilmente são tarifados.

2.1.1.1 *Portador*

O portador é o titular do cartão de crédito, que possui e utiliza o limite disponível. Realiza transações comerciais com o estabelecimento cadastrado, com tranquilidade e com menor risco aos entes da negociação. Porém, fica limitado a utilizar apenas o valor de crédito disponível, não podendo exceder o limite de compra.

A data do pagamento da fatura do cartão de crédito é pré-determinada e o valor das compras é saldado sem a incidência de juros, inclusive as parceladas. O portador pode escolher pagar do valor mínimo, da fatura mensal ou financiar o restante, denominado de crédito rotativo, ocorrendo, assim, à incidência de juros Alvarenga (2006).

2.1.1.2 *Estabelecimento comercial*

O estabelecimento comercial é a pessoa jurídica que se filia à rede da credenciadora, tornando-se apto a aceitar cartão de crédito como forma de pagamento. A vantagem do estabelecimento em aceitar os cartões de crédito de seus clientes é realizar a venda, mesmo sem sua capacidade de pagamento imediata (liquidez), em parcelas.

O consumidor, segundo Alvarenga (2006), na hora de realizar suas compras leva em consideração, na tomada de decisão, se o estabelecimento opera com a prática financeira de cartão de crédito e por temerem não realizar a venda, os estabelecimentos comerciais se sujeitam a aceitação dos cartões. Em contrapartida os estabelecimentos pagam as credenciadoras um percentual do valor da compra realizada com cartões de crédito. No momento que a credenciadora repassa o valor para o estabelecimento, automaticamente, é descontado tarifas e taxas de utilização dos serviços.

2.1.1.3 *Credenciadora*

É o ente responsável pelo credenciamento e gerenciamento dos estabelecimentos comerciais filiados, segundo Alvarenga (2006), além de estabelecer as condições comerciais e os preços cobrados dos comerciantes, processar e liquidar as transações realizadas com os cartões de sua responsabilidade, desenvolver novas tecnologias e locar os terminais eletrônicos para efetuação das transações, por isso, também chamada de adquirente ou de bancos dos estabelecimentos comerciais.

No início da implementação dos cartões de pagamento os bancos emissores exerciam também a função de credenciadores. De acordo com o autor, os bancos possuíam a tarefa de filiar os estabelecimentos comerciais, capacitando-os a processar todos os cartões emitidos independente da bandeira. Assim cada banco operava como credenciador e emissor.

Este modelo se mostrou ineficiente e os próprios bancos solicitaram a modificação desta prática operacional dos cartões de crédito. Os bancos se associaram para minimizar os custos operacionais e facilitar a prática financeira com cartões de crédito. O objetivo era centralizar as operações antes realizadas

individualmente por cada membro, simplificando o relacionamento entre os estabelecimentos comerciais e o sistema de cartões de crédito. Permitindo a criação das bandeiras de cartão de crédito.

As credenciadoras têm suas receitas a partir da porcentagem cobrada sobre o valor total de cada transação financeira com cartão de crédito, a taxa de desconto, além da receita provinda do aluguel dos terminais eletrônicos e de uma taxa cobrada pela antecipação de recebimentos para os comerciantes, caso esses desejem. Porém pagam às administradoras do cartão a taxa de intercâmbio.

2.1.1.4 *Administradora*

São as Instituições Financeiras que emitem e administram os cartões de crédito, por isso também são chamadas de emissoras. A maioria dessas instituições são financeiras permitindo-lhes a concessão de crédito direto a seus clientes, cobrando os juros do financiamento Alvarenga (2006). Assim, é comumente chamada de banco dos portadores.

As administradoras têm nos portadores e nas credenciadoras suas fontes de receitas. Sobre os portadores pode ser cobrada anuidade, taxas por transação (porcentagem do valor transacionado), juros, tarifas sobre saques e serviços e, bem como, juros de mora por atraso no pagamento de tarifas.

A administradora recebe ainda uma taxa de intercâmbio das credenciadoras. Essa taxa é uma forma de incentivar a ampliação da base de portadores e compensar o custo dessa atração. Essa forma de incentivo será detalhada adiante.

2.1.1.5 *Bandeira*

Por fim, a “bandeira” é a empresa financeira detentora da marca estampada nos cartões de crédito. É importante distinguir os dois tipos existentes dessas instituições: as fechadas e as abertas. Nas cadeias fechadas, como a *American Express* e o *Hipercard*, há verticalização das atividades, ou seja, a bandeira opera como administradora e credenciadora. Nesse modelo de mercado, afirma Alvarenga (2006), todas as taxas são determinadas pela própria bandeira.

As cadeias abertas, representadas pela Mastercard e Visa³, são formadas por diversas Instituições Financeiras, as quais operam como administradoras e/ou credenciadoras. De acordo com autor nessas cadeias, a principal função da “bandeira” é a organização da estrutura estabelecendo normas, fixando a taxa de intercâmbio, fornecendo infraestrutura básica, pesquisa e desenvolvimento para o aperfeiçoamento do sistema. A associação à administradora é feita via contrato de franquia que concede licença para uso da marca e da sua rede.

As “bandeiras” têm como fontes a tarifa trimestral por cartão ativo (variável conforme o tipo de cartão), a licença pelo uso da marca, ambas cobradas das Instituições Emissoras, o percentual sobre o volume financeiro de transações (conforme tipo do produto), cobrado das Credenciadoras, e outras taxas referentes ao uso de serviços específicos.

2.1.2 A participação dos meios de pagamento eletrônicos no mercado de crédito

De acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (ABECS), em 2012, a taxa média de crescimento do mercado de cartões de pagamento foi de 23% entre o período de 2002 a 2011. Somente em 2011, este setor obteve um faturamento recorde de R\$ 670 bilhões, representando 26,8% de participação no consumo das famílias brasileiras.

A quantidade de transações efetuadas neste período cresceu em média 20%, alcançando a marca, em 2011, de 8,3 bilhões de transações. O volume de cartões em circulação também aumentou consideravelmente: de 183 milhões, em 2002, para 687 milhões, em 2011 – em média cada brasileiro portador possui 3,5 unidades de cartão. Hoje, 72% da população possuem algum tipo de cartão e 69% o utilizam com frequência (ABECS, 2012).

Esse crescimento da circularização dos cartões de pagamentos retrata a fase de crescimento econômico no Brasil nos últimos anos. O aumento do consumo interno e elevação do poder de renda dos brasileiros aliados à diversidade e a facilidade dos meios de aquisição de bens e serviços auxiliaram a popularização do uso dos chamados “dinheiros de plástico”, ou cartões de crédito ou de débito.

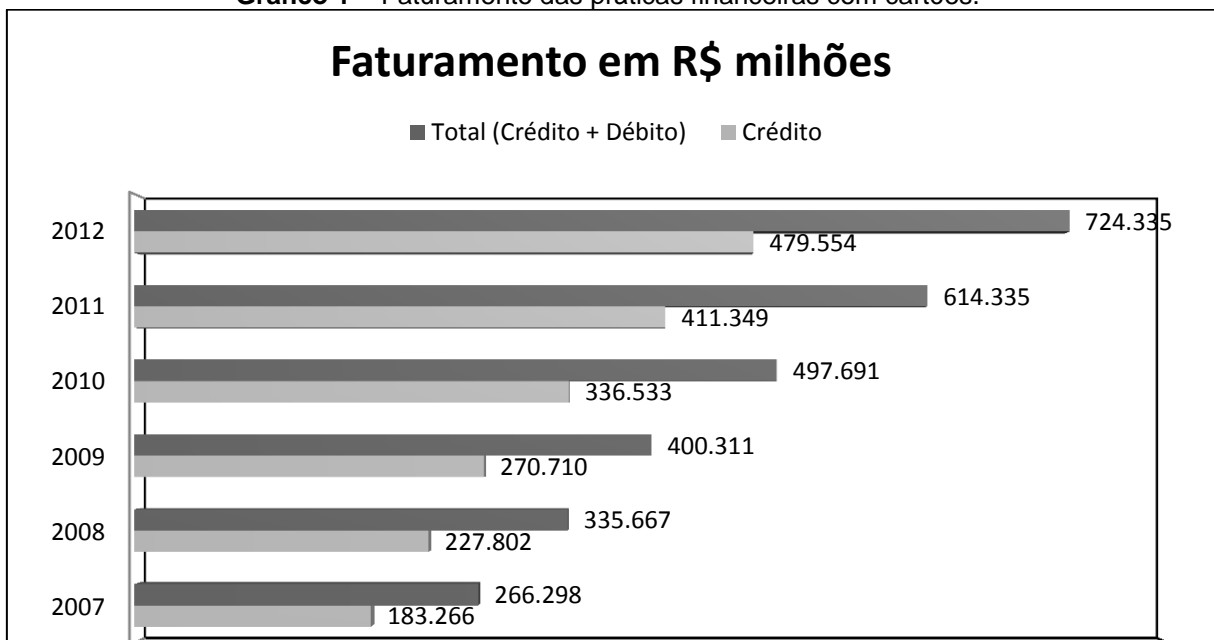
³ No Brasil a bandeira Visa opera com 32 administradoras de cartão de crédito. Disponível em: <<https://www.visa.com.br/site/mais-visa/contatos#emissores>>. Acessado em: 09 de junho de 2014.

Uma pesquisa realizada para a ABECS, pelo Instituto Datafolha, em 2011, revelou um aumento no número de posse de cartões entre a população brasileira de 68% em 2008, para 72,4% em 2011. A modalidade de cartões de débito aumentou de 53% para 60% entre os três últimos anos da pesquisa. O uso do cartão de crédito passou de 48% para 53% no mesmo período.

Entre as classes sociais, 88% das classes A/B possuem cartões de crédito; 68% entre as D/E e; 34% da classe – um decréscimo de 06% da classe devido à ascensão da população para classe C. Entre as faixas etárias, a maior concentração de cartões encontra-se nos indivíduos de 25 a 34 anos com 79% seguido do grupo entre de 35 a 44 anos com 76%. Os crescimentos mais expressivos nos período de 2009 a 2011 concentraram-se nos grupos de 60 anos ou mais, passando dos 52% para 68% e de 18 a 24 anos aumentando de 65% para 71%.

A parcela que cabe aos cartões de crédito como meio de pagamento nos estabelecimentos comerciais é de 36%, seguido pelo dinheiro em papel com 33%, os cartões de débito com 18%. assim, o Gráfico 1 demonstra o faturamento das práticas financeiras com cartões de crédito e de débito:

Gráfico 1 – Faturamento das práticas financeiras com cartões.



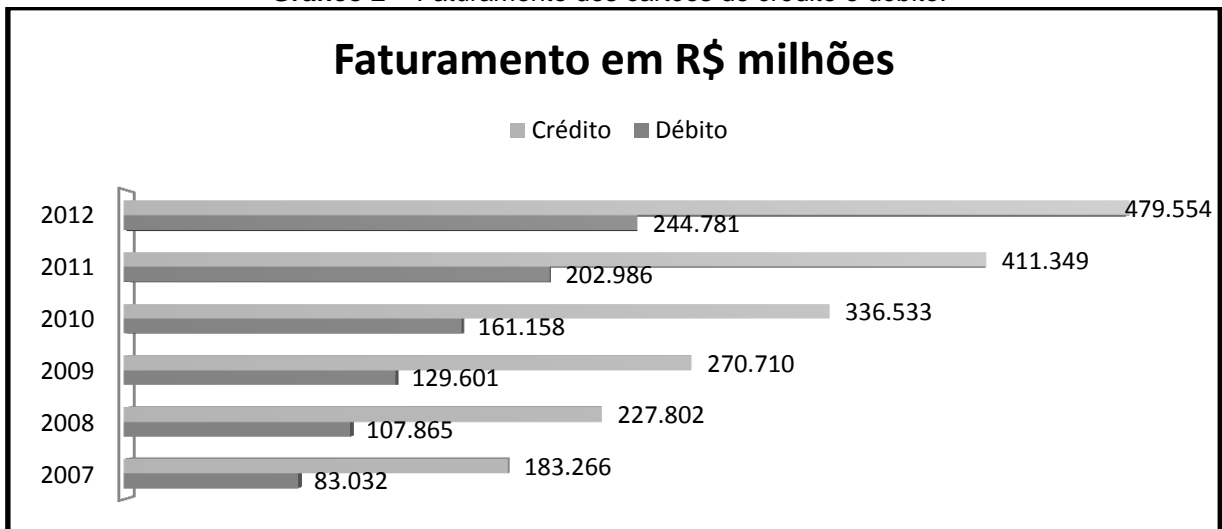
Fonte: ABECS, 2013.

O Gráfico 1 mostra a evolução do total das transações realizadas entre os anos de 2007 e 2012, nas operações com cartões de crédito e o total das

modalidades (operações de crédito acrescido com as de débitos). No ano de 2007 o uso do crédito correspondeu a 68,62% do total. Em 2008 foi de 67,87%. Mantiveram-se constantes entre 2009 e 2010 com 67,62%. E 2011 e 2012 foram, respectivamente, 66,96% e 66,21%.

Observa-se uma redução do percentual da participação das compras na opção de crédito devido ao crescimento da utilização da opção de débito conforme apresenta o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Faturamento dos cartões de crédito e débito.



Fonte: ABECS, 2013.

Observa-se no Gráfico 2, que a escolha da forma de pagamento com cartões na opção débito cresceu nesses 06 anos pesquisados. No ano de 2007 as operações com débito correspondia a 45,31%, em 2008 foi de 47,35%, em 2009 e 2010 correspondeu, respectivamente, a 47,87% e 47,89% e em 2011 e 2012 foram 49,35% e 51,04%, respectivamente.

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E AS PRÁTICAS FINANCEIRAS DE CRÉDITOS COM UNIVERSITÁRIOS

Conforme Arneet (2000, *apud* Xiao *et al*, 2010) a responsabilidade financeira pessoal pode ser especialmente marcante para os jovens adultos com idades entre 18 e 25 anos, na transição da adolescência para a fase adulta. Durante este período

precisam adquirir o conhecimento financeiro, habilidades e comportamentos para se tornarem independentes financeiramente confirma o autor.

Esses jovens adultos com idades entre 18 e 25 anos estão apenas começando a controlar o crédito e acumular dívida em seu próprio nome. Menores de 18 anos têm desenvolvido competências de gestão de caixa e consideram a gestão de crédito um novo desafio. Segundo Xiao et al. (2010) apesar dos estudantes universitários gerenciarem a utilização do limite de crédito disponível melhor do que os estudantes não universitários com a mesma faixa etária, porém, em comparação com os adultos, eles podem se envolver em comportamentos de risco de crédito.

Comportamentos de risco de crédito segundo Xiao et al. (2010) é definido como as práticas de crédito de consumo que têm o potencial de danificar o bem-estar financeiro futuro. Exemplos destes comportamentos incluem possuir dívidas do cartão de crédito, atrasar o pagamento das faturas e estourar o limite de limites de cartão de crédito.

Na década de 90, estudos realizados por Chen e Volpe (1998) com 924 estudantes universitários de 14 universidades estadunidenses de diversos Estados (Califórnia, Flórida, Massachusetts, e Pensilvânia) com três objetivos principais: coletar evidências da educação de finanças dos estudantes; examinar por que alguns estudantes universitários são mais informados do que outros e; examinar como o conhecimento dos alunos influenciam suas opiniões e decisões sobre questões de finanças pessoais.

Chen e Volpe (1998) citam as pesquisas de Danes e Hira (1987) e Volpe et al. (1996) como elucidativas a respeito do conhecimento de finanças pessoais dos universitários, contudo, apresentam fatores que merecem atenção. Por exemplo, utiliza amostras de dados de uma única universidade e negligencia de outras áreas que não sejam de finanças pessoais.

Além disso, para Chen e Volpe (1998) a validade dos instrumentos de pesquisa é questionável por causa do número limitado de itens incluídos nos questionários. Estas limitações são agravadas pelo fato dos estudos citados de Danes e Hira (1987) e Volpe et al. (1996) relatarem apenas os níveis de Educação Financeira, sem analisar os fatores que influenciam o conhecimento das pessoas. E não examinaram os impactos do conhecimento e opiniões dos indivíduos a respeito de questões sobre finanças pessoais na tomada de decisão financeira.

No seu estudo Chen e Volpe (1998) utilizam dados coletados com a aplicação de questionário com 52 questões planejado para cobrir os principais aspectos das finanças pessoais, incluindo Educação Financeira no conhecimento geral, poupanças e empréstimos, seguros e investimentos. Os participantes são classificados em dois subgrupos, utilizando o percentual médio de respostas corretas da amostra.

Dentre as várias características dos dados coletados, Chen e Volpe (1998) ressaltaram, principalmente, que 52,6% dos participantes são dos Cursos de Economia, Administração e Contabilidade, como consequência da grande oferta de disciplinas relacionadas à finanças, obtiveram as maiores pontuações dentre os demais cursos. Aproximadamente 36% dos participantes estão no último ano do curso. Participantes do sexo feminino representaram 55,6% da amostra. A maioria possui mais de dois anos de experiência de trabalho. E os estudantes entre 18 a 29 anos de idade representam 75,7% da amostra.

A porcentagem média geral de acertos na pesquisa de Chen e Volpe (1998) foi de 52,87%, o que indica, em média, que os estudantes responderam corretamente apenas cerca de metade dos itens da pesquisa. Os resultados sugerem que o conhecimento dos estudantes universitários sobre finanças pessoais é inadequado. Uma das razões para o baixo nível de conhecimento é a ausência de Educação Financeira nos currículos universitários.

Outra razão, explicada por Chen e Volpe (1998), para o baixo nível de conhecimento é atribuída à idade jovem dos participantes – 75,7% têm menos de 30 anos. A maioria encontra-se no estágio inicial do seu ciclo de vida financeiro. Nesta fase do ciclo, são expostos a um número limitado de informação sobre conhecimento geral de finanças, poupança, empréstimos e seguros. Durante este período, a maior parte dos seus rendimentos são gastos em consumo, em vez de investimento.

Os participantes dos subgrupos etários, com idade variando de 23 a 29 anos e 40 anos ou mais, apresentam um maior conhecimento do que os outros grupos etários. Em termos de experiência no mercado de trabalho, os mais experientes estão mais informados do que aqueles com menos experiência. A renda pessoal está relacionada também ao conhecimento financeiro pessoal. Segundo Chen e Volpe (1998) os indivíduos com remunerações maiores obtiveram uma pontuação superior do que aqueles com menor renda.

Sobre o conhecimento dos alunos e suas decisões sobre questões de finanças pessoais Chen e Volpe (1998) encontraram valores médios para cada área do conhecimento geral, poupanças e empréstimos, seguros e investimentos, não estão acima de 65%. A área mais fraca é o investimento, onde, em média, os participantes responderam cerca de 40% das perguntas corretamente. Os indivíduos com menos conhecimento financeiro tendem a ter opiniões erradas e tomar decisões incorretas nas áreas supracitadas.

O efeito do endividamento ocasionado pelos cartões de crédito na população jovem, mais especificamente direcionado aos estudantes universitários nos EUA fizeram Jonhson (2005) desenvolver um trabalho abordando essa temática acrescida de informações sobre o manuseio dos cartões e as responsabilidades dos usuários ao usufruírem desta facilidade. A maioria das pessoas, principalmente os jovens, aprende a ser totalmente responsável por suas despesas pessoais durante a sua formação acadêmica.

As empresas de cartões de crédito estão ansiosas, para apresentar aos alunos universitários o seu produto, tanto que há representantes destas empresas nos *campi* universitários com o objetivo de atrair os alunos como potenciais clientes. A indústria de cartões de crédito admite que este segmento da população seja responsável o suficiente para lidar com um cartão de crédito.

Muitos alunos não entendem os potenciais perigos envolvidos com a má gestão da dívida da fatura do cartão de crédito. Além disso, Johnson (2005) afirma que aqueles que acumulam uma quantidade significativa de dívida de cartão de crédito, sofrem com o estresse e os problemas associados com as crescentes dificuldades financeiras e podem ter consequências graves na sua vida social e bem como na sua saúde.

Segundo a Associação Americana de Bancos (2001, *apud* JOHNSON, 2005) as empresas de cartões de crédito dedicam tanto esforço para chegar a estudantes universitários por considerar que muitos destes consumidores serão considerados usuários fiéis de seu primeiro cartão de crédito por até quinze anos. Que significa essas empresas podem esperar anos de lucros caso convençam calouros a aderirem a seus cartões.

Mesmo que muitos não sejam empregados, as empresas de cartões presumem na expectativa, se necessário, os pais ainda que não consignatários, vão pagar ao menos a parcela mínima da fatura. Assim, convencidos pelas previsões de

rentabilidade e de fidelização de clientes, representantes de empresas de cartões atuam nos *campi* universitários.

Os estudantes que utilizam cartões de crédito, porém não possuem conhecimentos de educação Financeira para gerenciarem com responsabilidade e eficiência as práticas financeiras com esta modalidade de crédito, podem ter problemas pessoais, bem como apresentarem dificuldades financeiras.

Segundo Johnson (2005) o impacto da dívida de cartão de crédito mal administrada inclui ramificações tanto de curto quanto de longo prazo para os alunos e provocam efeitos nocivos a finança pessoal: O acúmulo de dívidas; problemas financeiros; problemas emocionais e; baixo desempenho acadêmico. Além disso, dificuldade de obtenção de crédito em condições favoráveis e pagamento de quantias excessivas para obtenção de financiamento habitacional após se formarem.

Johnson (2005) se utiliza dos resultados de uma pesquisa com 401 estudantes da Universidade Estadual de Ohio (OSU) Survey de 2002, sobre a situação dos participantes com dívidas de cartão de crédito. Dos resultados encontrados, as respostas mais frequentes, racionais, embora academicamente prejudiciais, foram: redução da carga horária do curso para trabalhar (79,6%); abandono da IES para trabalhar em período integral (67,1%). Infelizmente, os alunos indicaram que poderiam recorrer a ações mais prejudiciais, tais como o roubo (27,2%), aumento do consumo de álcool ou drogas (33,9%), ou cometer suicídio (21,4%).

A incapacidade de saldar as dívidas dos cartões de crédito acarreta em consequências emocionais aos estudantes, como estresse e depressão. Dos resultados da pesquisa de Johnson (2005) 82,5% dos alunos afirmaram que se sentem estressados pela falta de renda para cobrir todas as suas contas e dívidas dos cartões de crédito e 75,6% afirmaram que se sentiam deprimidos.

Há três razões que fazem a dívida dos cartões serem estressantes ou deprimentes para os estudantes. A primeira é a agressividade dos cobradores de dívidas das empresas de cartões. A segunda, é o sentimento de a dívida ser incontrolável. E terceiro é quando o aluno percebe que a dívida é um problema, exige mudanças significativas no comportamento e estilo de vida.

Os que sofrem de estresse provocado por altos níveis de dívida podem procurar a ajuda dos pais. Quem tem pais com renda disponível suficiente geralmente pode persuadi-los a prestar assistência financeira e assim reduzir ou

eliminar a dívida. Alguns pais têm a capacidade de influenciar a conduta de seus filhos no intuito de promover um comportamento responsável em seus filhos, exigindo destruam o cartão de crédito ou que passem a apenas usá-lo apenas para fins de emergência.

Além disso, cerca de um terço dos calouros da pesquisa da OSU sabem que poderá se cobrado deles taxas de juros maiores sobre empréstimos futuros devido a um histórico de crédito ruim. Menos de um terço dos calouros sabiam que poderia ser negado um trabalho com base em seu relatório de crédito. Um percentual semelhante aos calouros que têm conhecimento da possibilidade de negação de cobertura de seguro com base em inquéritos com os demais credores sobre os seus relatórios de crédito.

Poucos calouros sabiam que uma companhia de seguros podia aumentar os prêmios de uma pessoa com base exclusivamente em seu relatório de crédito. Estes resultados, segundo Johnson (2005) revelam que a maioria dos calouros em OSU não entendem suas responsabilidades financeiras, ao gerirem sua finança pessoal, adquirem dívida de cartões de crédito. Como também não se dão conta das consequências de práticas financeiras com a utilização de cartão de crédito e seu entendimento é substancialmente deficiente em comparação com a população em geral dos consumidores adultos.

Na mesma pesquisa de Johnson (2005), com dados coletados com aproximadamente 4.000 estudantes universitários de Oklahoma, EUA, revelou como a dívida do cartão de crédito pode impactar no processo de ensino/aprendizagem dos universitários, pois 31% dos alunos relataram que a dívida do cartão de crédito afetou sua concentração na vida acadêmica e outros 31% afirmaram que reduziram a sua carga horária e obtiveram um emprego para pagar dívidas.

Estes problemas foram particularmente identificados entre indivíduos maus gestores de suas dívidas: 57% informaram que as dívidas afetaram sua concentração nas atividades acadêmicas; 55% relataram que as dívidas influenciaram sua decisão de reduzir o trabalho do curso e obter um emprego e; 46% afirmaram que isso afetou seu senso de prioridade sobre a responsabilidade com a vida acadêmica.

Estudantes que trabalham para saldar dívidas reduzem a carga do seu curso e como consequência atrasam a conclusão da graduação. Segundo Johnson (2005) embora seja recomendado que os alunos não trabalhem mais do que 10 ou 20 horas

por semana, para que não atrapalhe os seus estudos. Naturalmente, o grau de dificuldades acadêmicas varia de aluno para aluno, porém a qualidade e experiência geral de aprendizado serão diferentes naqueles que não tiveram tempo suficiente para se dedicar a frequentar as aulas e estudarem.

Além disso, se os alunos têm um histórico de pagamentos de cartão de crédito manchado, poderão ser negadas oportunidades de emprego, pelo fato dos empregadores usarem rotineiramente relatórios de crédito para avaliar o nível de responsabilidade de um potencial empregado. Como também impedir a capacidade dos indivíduos para quebrar o ciclo vicioso em gerar dívida e dificultar a conquista do sonho em possuir a casa própria.

Indústrias também usam relatórios de crédito para determinar se aceitam determinada pessoa como um cliente, e, segundo Johnson (2005) em caso afirmativo, nos seus termos, as companhias de seguros podem negar aos alunos, com histórias de crédito marginais, cobertura de seguro automóvel ou cobrar-lhes prêmios mais elevados para a cobertura do serviço.

Empresas emissoras de cartões utilizam também do histórico de crédito para elevar os juros nos pagamentos das faturas atrasadas, mas também aumentá-los se o endividamento total de uma pessoa excede um determinado nível. De acordo com Johnson (2005) os credores usam esses relatórios para avaliar a liberação de crédito para recém-formados para grandes compras, como automóveis e imóveis. Segundo a autora, especialistas do setor de hipotecas afirmam que as cargas de dívida dos estudantes universitários poderão comprometer a sua aprovação de empréstimos para garantir a sua habitação no futuro.

A utilização dos cartões de crédito pelos estudantes universitários de Oklahoma, Johnson (2005) revela que um terço dos pesquisados utilizam cartão de crédito por não terem dinheiro necessário para suas compras. A falta de dinheiro pode ser explicada por uma série de fatores, incluindo falta de rendimentos do trabalho e de um orçamento para as despesas. A falta de orçamento, juntamente com hábitos nocivos de consumo, podem fornecer uma explicação do motivo para que muitos estudantes experimentam estresse financeiro e sofram outras consequências negativas.

O nível satisfação dos alunos na utilização dos de cartões de crédito diminuiu ao longo do tempo. Johnson (2005) explica que o nível de prazer pode diminuir devida adoção de decisões financeiras drásticas para saldar suas dívidas. A autora

cita o Dr. Robert Manning, um sociólogo e especialista em uso de cartão de crédito nos EUA, ele concluiu, em seu estudo, que 60% dos calouros e 75% dos veteranos estouraram seus cartões de crédito, pelo menos uma vez, e quase utilizaram seu cartão pagar outro, e 73% dos calouros e 67% dos veteranos usaram empréstimos estudantis para pagar saldos de cartão de crédito.

Assim, Dr. Manning concluiu que os alunos universitários têm maior probabilidade de acumularem níveis elevados de endividamento (linhas de crédito nos cartões), porque as empresas de cartão concedem acesso ao crédito cada vez mais cedo, e com mais facilidade, aos despreparados financeiramente.

2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO EXTERIOR

A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2001) foi criada em 1961 quando 18 países europeus junto com os EUA e o Canadá decidiram criar uma organização dedicada ao desenvolvimento global para promover políticas que melhorem o bem-estar econômico e social de pessoas em todo o mundo. Segundo Savoia *et al* (2006), a produção de estudos, publicações e recomendações servem para que os países fortaleçam a sua economia de mercado e economia globalizada.

Segundo a OCDE (2005) a Educação Financeira é o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre conceitos e produtos financeiros e, por meio de informação, instrução e orientação objetiva, desenvolvem habilidades e adquirem confiança para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos financeiros, e bem como auxiliam para fazerem escolhas bem informadas e saberem onde procurar ajuda ao adotarem outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar e a sua proteção.

Xu e Zia (2012) afirmam que os *policymakers* – pessoas responsáveis ou envolvidas na formulação de políticas, segundo o dicionário *Oxford*⁴–, de vários países desenvolvidos e em desenvolvimento estão cada vez mais reconhecendo a

⁴ Tradução do autor.

importância da educação financeira e de investir recursos em programas de educação financeira.

Segundo as autoras Xu e Zia (2012) a definição de Educação Financeira abrange conceitos de: consciência financeira e conhecimento de produtos financeiros; de instituições financeiras e habilidades financeiras – a capacidade de calcular juros compostos e capacidade financeira de forma mais geral, em termos de gestão de dinheiro e planejamento financeiro –, contudo na prática, essas noções frequentemente se sobrepõem.

Nos países desenvolvidos, a Educação Financeira geralmente é vista como um complemento à defesa do consumidor. Um dos seus principais objetivos é equipar os indivíduos com a capacidade de navegar em um complexo conjunto de produtos e práticas financeiras, incluindo previdências privada e hipotécas para tomarem as decisões financeiras. E nos países em desenvolvimento, os produtos financeiros são mais limitados e geralmente acessíveis apenas a uma pequena porcentagem da população.

Existe, segundo Xu e Zia (2012), uma elevada dependência das microempresas para a subsistência por parte da população de baixa renda desses países. Habilidades em gerenciamento de negócios e formas de aquisição de capital tornam-se relevantes para esses empresários.

Quando a Rússia aderiu a um sistema bancário com base no mercado, houve preocupação sobre a Educação Financeira deles estarem defasada em relação ao mercado financeiro internacional. Klapper e Panos (2011) afirmam que em virtude da maior complexidade dos produtos financeiros dirigidos aos consumidores aumentou a importância de uma maior compreensão dos afirmam. Ressalvam que a maioria dos jovens russos não aprendem habilidades financeiras nas próprias famílias, devido ao fato dos pais não possuem contas bancárias e nem terem recebido noções em educação financeira durante a vida escolar – não há exigência de currículo para a Educação Financeira na Rússia.

Para Klapper e Panos (2011, p. 03) “Há um temor que o rápido crescimento do crédito ao consumo combinado com baixos níveis de educação financeira e os efeitos da crise financeira global poderá levar a elevados graus de endividamento do consumidor e dificuldades financeiras”, pois em um país como a Rússia, com desigualdades regionais acentuadas e disparidades de gênero, é de grande

interesse examinar se existem diferenças significativas entre esses segmentos da população no que diz respeito à educação financeira.

Na Nova Zelândia a Educação Financeira é considerada um componente fundamental para o bom funcionamento da sociedade civil. Segundo Crossan *et al*, (2011) existe uma crescente consciência de sua importância e valor no ambiente de regulação financeira, de diversidades de produtos financeiros e de recessão econômica. O início da recessão econômica, no final de 2007, imóveis, ações e outros ativos seguiam um cenário de volatilidade em seus preços. Embora o sistema bancário mostrasse resistente, ocorreu falência de empresas financeiras não bancárias que foram sentidas por muitos neozelandeses, direta e indiretamente. Isso ocorreu em virtude da falta de confiança do consumidor neozelandês no setor financeiro.

Para o setor financeiro reconhece que, a fim de melhorar a sua reputação não só precisa superar os problemas acima, mas ele precisa de um consumidor informado para desafiar o setor. Segundo Crossan *et al* (2011, p. 02) esses eventos resultaram em uma demanda crescente por Educação Financeira no intuito de melhorar a qualidade da informação prestada aos tomadores de decisão e investidores, aumentando a capacidade de comparar produtos e sua compreensão de risco”.

Tornou-se importante, na Alemanha também, a discussão sobre Educação Financeira. A reforma do sistema de aposentadoria pública alemã e o rápido desenvolvimento dos mercados financeiros são citados por Bucher-Koenen e Lusardi (2011) como contribuição para o fato. Noções em Educação Financeira capacitam os indivíduos para acessarem produtos que outrora não compreendiam, e demonstravam incapacidade de julgar a qualidade de aconselhamentos financeiros recebidos.

O progresso tecnológico, as inovações financeiras e a crescente integração dos mercados estão tornando os produtos financeiros mais complexos. Fornero e Monticone (2011) pesquisaram sobre a preparação das famílias, o nível de seu conhecimento financeiro, a sua capacidade de lidar com decisões financeiras, bem como o impacto da ignorância sobre a poupança. Perceberam que instituições como o Banco da Itália expressam suas preocupações sobre a capacidade dos cidadãos no enfrentamento dos desafios e iniciativas atuais sobre termos de regulação e Educação Financeira

No trabalho solicitado pelo Banco Mundial, a respeito da Educação Financeira pelo mundo, Lisa Xu e Bilal Zia fizeram um levantamento de pesquisas a respeito do nível de Educação Financeira nos EUA, Alemanha e Itália). No Quadro 1 encontram-se os autores, os países e os trabalhos em relação ao nível de Educação Financeira.

Quadro 1 – Pesquisadores de Educação Financeira no mundo

Pesquisadores	Países	Título
Lusardi; Mitchell (2011)	Estados Unidos	<i>Financial Literacy and Retirement Planning in the United States.</i>
Fornero; Monticone (2011)	Itália	<i>Financial Literacy and Pension Plan Participation in Italy</i>
Bucher-Koenen; Lusardi (2011)	Alemanha	<i>Financial Literacy and Retirement Planning in Germany</i>
Crossan et al. (2011)	Nova Zelândia	<i>Financial Literacy and Retirement Planning in New Zealand</i>
Almenberg; Säve-Söderbergh (2011)	Suécia	<i>Financial Literacy and Retirement Planning in Sweden</i>
Alessie et al. (2011)	Holanda	<i>Financial Literacy, Retirement Preparation and Pension Expectations in the Netherlands</i>
Klapper; Panos (2011)	Rússia	<i>Financial Literacy and Retirement Planning in View of a Growing Youth Demographic: The Russian Case</i>

Fonte: Xu;Zia, 2012

A coleta de dados nessas pesquisas consiste nas respostas do questionário aplicados na pesquisa de Lusardi e Mitchell (2007) e na na compreensão de três conceitos financeiros básicos: 1) composição da taxa de juros, 2) inflação e 3) diversificação de risco.

A aplicação dos três conceitos financeiros utilizados na pesquisa foram apresentados do seguinte modo:

1) Suponha que você tenha \$ 100 em uma conta de poupança e a taxa de juros é de 2% ao ano. Após 5 anos, quanto você acha que teria na conta? Respostas: a) Mais

de \$102 b) Exatamente \$102 c) Menos que 102 d) Não sei responder e) Prefiro não responder.

2) Imagine que a taxa de juros em sua conta de poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após 1 ano, o quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro nesta conta? Respostas: a) Mais do que eu tinha b) Exatamente o mesmo c) Menos do que eu tinha d) Não sei responder e) Prefiro não responder.

3) Por favor, me diga se esta afirmação é verdadeira ou falsa. “A compra de ações de uma única empresa geralmente fornece um retorno mais seguro do que um fundo mútuo de ações” Resposta: a) Verdadeiro b) Falsa c) Não sei responder d) Prefiro não responder.

Segundo Xu e Zia (2012) as duas primeiras questões também exigem habilidades básicas de aritmética, enquanto que a terceira questão requer familiaridade com a definição de ações e fundos mútuos. Os resultados estão apresentados conforme o Quadro 3, vale ressaltar que os valores apresentados (%) com o símbolo de asterisco "*" estão arredondados:

Quadro 2 – Resultados da Educação Financeira pelo mundo

Países	Taxa de Juros (%)*	Inflação (%)*	Diversificação de risco (%)*
Estados Unidos	65	64	52
Itália	40	60	45
Alemanha	82	78	62
Nova Zelândia	86	81	27
Suécia	35	60	68
Holanda	85	77	52
Rússia	36	51	13

Fonte: Xu e Zia (2012)

Na Rússia, de acordo com Klapper; Panos (2011), 36% dos entrevistados da amostra detém conhecimento sobre taxa de juros e metade da amostra, 51% pode responder a pergunta sobre inflação e apenas 13% puderam responder a uma pergunta sobre a diversificação do risco em investimentos em ativos.

Na Holanda, a maioria dos entrevistados, 85%, tem pelo menos alguma idéia sobre de taxas de juros. Cerca de 77% dos entrevistados responderam corretamente a pergunta sobre inflação. Um pouco mais de 50% acertaram a questão mais complexa – a de diversificação de riscos. Esse baixo percentual de respostas

corretas, segundo Alessie *et al* (2011), deve-se ao fato da maioria da população holandesa não deter ações da empresa nem nos fundos mútuos de ações. Além disso, conceitos como "fundos mútuos de ações" normalmente não são abordados nas escolas holandesas do Ensino Médio.

Na Suécia, Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) encontraram apenas pouco mais de um terço, 35%, que responderam corretamente a questão da taxa de juros, fornecendo a estimativa exata. Cerca de metade dos entrevistados, 49%, deram respostas incorretas e 16% disseram não saber a resposta, sugerindo que a maioria dos entrevistados não possuem a capacidade de calcular juros compostos.

Não se pode descartar, no entanto, que alguns entrevistados entendem a composição da taxa de juros muito bem, mas cometeu um pequeno erro no cálculo, proporcionando, assim, uma resposta incorreta.

Referente a pergunta sobre inflação, 60% de todos os entrevistados suecos responderam corretamente que seriam capazes de comprar menos no final do ano, conforme Almenberg e Säve-Söderbergh (2011). dos Entrevistados 24% deram respostas incorretas e 16% responderam que não sabiam. Assim, 40% dos entrevistados parecem não ter conhecimento básico de inflação e seu impacto sobre o poder de compra.

Semelhante a Alemanha, na Suécia, segundo Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) as gerações mais velhas possuem maior experiência com inflação alta. A Suécia teve inflação na faixa de 5 a 15% durante os anos 1970 e 80. Após uma jogada de metas de inflação explícita e independência do Banco Central na década de 1990, a inflação diminuiu e pairou em torno de 2% para a maior parte da última década.

Sobre a questão de diversificação de risco, cujo objetivo é medir o conhecimento financeiro avançado, Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) concluíram que existe uma boa compreensão de diversificação de risco em 68% dos entrevistados. Os autores especulavam que os entrevistados suecos apresentariam um grau bastante elevado de conhecimento financeiro em função da ampla participação no mercado de ações.

Os estudantes das IES da Nova Zelândia, segundo Crossan *et al* (2011), estão familiarizados com o cálculo de juros compostos devido a discussão na mídia sobre empréstimos estudantis livres de juros, citam sobre a elevada incidência de acerto, 86% responderam corretamente a questão sobre a taxa de juros. O baixo

número de acertos sobre diversificação de risco, 27% dos entrevistados, ocorreu em virtude dos termos como “ações de empresas” e “ações de fundo mútuo”, por serem poucos utilizados em sua totalidade. Além disso, segundo Colmar Brunton (2009, *apud* CROSSAN *et al* 2011) apenas 22% dos neozelandeses com mais de 18 anos investem em ações diretamente, ou através de fundos administrados.

Na Alemanha a pergunta sobre diversificação de risco foi respondida corretamente por 62% dos entrevistados. Bucher-Koenen e Lusardi (2011) explicam que esta questão parece ter sido difícil para muitas pessoas devido ao conhecimento de risco do mercado de ações e de diversificação por não fazerem parte da maioria dos currículos do Ensino Médio alemão. “Para saber sobre diversificação de risco, deve-se ter alguma formação econômica ou financeira ou experiência com investimentos em ações” (BUCHER-KOENEN; LUSARDI, 2011, p. 06 - 07).

A análise feita por Xu e Zia (2012) e pelos autores dos trabalhos apresentados, Lusardi; Mitchell; Fornero; Monticone; Bucher-Koenen; Lusardi; Crossan *et al*; Almenberg; Sävje-Söderbergh; Alessie *et al*; Klapper; Panos (2011) descobriram que: A) mulheres têm níveis mais baixos de educação financeira do que os homens; B) Educação Financeira segue uma forma de U invertido em relação à idade e C) educação financeira está associada com níveis mais altos de renda e escolaridade. As descobertas destes estudos estão apresentadas abaixo:

A) Mulheres têm níveis mais baixos de Educação Financeira do que os homens, segundo Lusardi e Mitchell (2011) concluíram que as mulheres nos EUA são significativamente menos propensas a responderem às perguntas corretamente, e mais propensas a dizerem que não sabem a resposta.

Existem grandes diferenças nos níveis de conhecimento financeiro entre a população holandesa, pois segundo Xu e Zia (2012 *apud* Alessie *et al* 2011) as mulheres e as pessoas com baixos níveis de educação muitas vezes mostraram uma falta de habilidades financeiras básicas.

As mulheres têm um desempenho significativamente pior do que os homens em cada uma das três questões de Educação Financeira, bem como no desempenho geral. Na pesquisa realizada na Suécia, Almenberge e Sävje-Söderbergh (2011) mostraram que apenas 14% das mulheres responderam corretamente às três perguntas, em comparação com 29% dos homens. Além disso,

quase metade das mulheres entrevistadas responderam “não sei” a pelo menos uma pergunta.

Segundo Almenberg; Säve-Söderbergh (2011), as mulheres estão mais conscientes de sua falta de conhecimento financeiro e ressaltaram, em seus estudos, que a noção de Educação Financeira é menor entre as mulheres. As mulheres suecas têm uma alta taxa de participação mercado de trabalho e participam ativamente igual ou superior aos homens na suas poupanças para aposentadoria.

B) Educação Financeira segue uma forma de U invertido em relação à idade

Finkeet al (2011, *apud* Xu e Zia, 2012) atribuem o baixo nível de Educação Financeira nas pessoas mais velhas ao declínio nos processos cognitivos associados à velhice, e descartam os efeitos de corte e outras características demográficas.

Chen *et al* (1998) concluíram que o conhecimento do investimento pessoal dos estudantes universitários é baixo; os que cursam graduação em áreas de negócios (Administração, Economia e Contabilidade) são mais bem informados do que os de outros cursos, e dentro deles os estudantes de finanças e contabilidade são mais experiente. Em outra pesquisa, Chen e Volpe (1998) constataram que os estudantes universitários do sexo feminino têm demonstrado menor conhecimento e vontade de aprender sobre temas de finanças pessoais do que os estudantes universitários do sexo masculino.

Na Suécia, segundo Almenberg; Säve-Söderbergh (2011), o melhor desempenho foi encontrado entre os respondentes que têm entre 36 e 50 anos de idade e o pior foi entre os respondentes que têm mais de 65 anos. Da mesma forma, a proporção de entrevistados que responderam que não sabem a resposta a uma das três perguntas seguem um padrão em forma de U para todas as questões.

O número de respostas corretas para as perguntas normalmente caem com a idade, sugerindo que é o grupo mais jovem que exibe um conhecimento menor. Este padrão é esperado por Almenberg; Säve-Söderbergh (2011), uma vez que estes grupos ainda não experimentaram a inflação e, portanto, podem não estar familiarizados com o conceito, na mesma medida que as gerações mais velhas

No geral aqueles que são de meia-idade sabem mais; indivíduos mais velhos sabem menos. Na Alemanha apenas 43% dos entrevistados com mais de 65 anos foram capazes de responder a todas as perguntas corretamente de acordo com Bucher-Koenen; Lusardi (2011).

A justificativa do resultado foi consequência dos entrevistados não poderem responder à pergunta de diversificação de risco e por estarem menos propensos a efetuar corretamente cálculos relacionados com a questão de juros em comparação com os indivíduos mais jovens. Em todas as questões os participantes mais velhos marcaram "não sei" com mais frequência do que os mais jovens.

C) Educação Financeira está associada com níveis mais altos de renda e escolaridade

Lusardi e Mitchell (2011) concluíram que aqueles com menor nível de instrução (por exemplo, Ensino Médio incompleto) são menos propensos a responder às perguntas corretamente, e também mais propensos a responderem que não sabem a resposta.

Usando dados da Itália, Monticone (2010) afirma que a riqueza tem um efeito pequeno, mas positivo, sobre a Educação Financeira. Na Suécia Almenberg e Säv-Söderbergh (2011) descobriram que os níveis de Educação Financeira são menores entre os indivíduos com baixa renda ou baixa escolaridade, os entrevistados da Suécia com escolaridade inferior ao Ensino Médio representam aproximadamente 4% das respostas corretas sobre as três perguntas, em comparação com 46% daqueles com o nível de escolaridade maior. Da mesma forma, mais da metade dos entrevistados com escolaridade inferior ao ensino médio responderam "não sei" a pelo menos uma das perguntas, em comparação com apenas 12% entre aqueles com formação no ensino superior disseram.

Constataram, também, que o conhecimento em Educação Financeira varia de acordo com a situação de emprego do entrevistado. Níveis menores encontram-se entre aqueles que não trabalham. Isto é verdade para todas as perguntas tomadas separadamente.

Trabalhadores autônomos exibem melhor conhecimento financeiro do que os funcionários, pois eles são mais ricos e possuem maior controle sobre suas finanças pessoais e empresariais. Conforme Fornero; Monticone (2011), na Itália os

funcionários foram melhores avaliados do que os aposentados, pois podem esconder os efeitos da idade e declínio das habilidades cognitivas. Enquanto que os não empregados – desempregados, donas de casa e estudantes –, apresentaram o pior desempenho em todas as medidas..

Nos países desenvolvidos, Xu e Zia (2012) descobriram que a Educação Financeira está relacionada com o planejamento da aposentadoria e, segundo Alessie *et al.* (2011), duas em três famílias holandesas não pensam muito sobre sua aposentadoria. Os níveis levados de Educação Financeira estão relacionados com as taxas de contribuição para aposentadoria. Os indivíduos com baixos níveis de conhecimento financeiro têm dificuldade em formar expectativas corretas sobre recebimento de benefícios futuros e a idade para se aposentarem, conforme a autora.

Na Holanda, Alessie *et al.* (2011) esclarece que os trabalhadores autônomos possuem maiores níveis sobre conhecimento financeiro e respondem corretamente, com mais frequência, as questões. Os trabalhadores autônomos, por conta própria, têm que cuidar de suas próprias economias para conseguirem se aposentarem, enquanto que os funcionários participam do plano de aposentadoria compulsória do seu empregador.

A Educação Financeira está diretamente relacionada com a renda, pois os indivíduos, segundo Almenberg; Säve-Söderbergh (2011) com mais influência discricionário sobre a gestão das suas pensões tendem a ser financeiramente mais educados.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza exploratória e tem como objetivo a compreensão do fenômeno que está sendo investigado, como cita Acevedo e Nohara (2007). A literatura brasileira não dá muita importância sobre a identificação das práticas financeiras na utilização de crédito voltada para o público jovem adulto e universitário. Enquadra-se também nessa pesquisa, segundo Acevedo e Nohara (2007), a natureza descritiva em virtude da descrição da população analisada e seu interesse em descobrir ou compreender, explicam

A população pesquisada são membros do corpo discente da UFPB. O instrumento de coleta de dados foi um questionário adaptado, em virtude das características culturais da população pesquisada, a partir da tradução do elaborado pela autora Lyons (2007). A amostra selecionada foram os questionários respondidos, corretamente, pelos alunos abordados no decorrer desta pesquisa. Foram coletados dados de 410 indivíduos, porém para validação dos dados aproveitaram-se 375 questionários, devido à presença de lacunas no preenchimento do instrumento de coleta foram descartados. Utilizamos a escala de Likert, é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, e é a escala mais usada em pesquisas quantitativas de opinião.

O período para o levantamento dos dados foi entre os dias 18 de novembro de 2013 à 6 de dezembro de 2013, coincidindo com a aproximação do término do período letivo e por isso houve dificuldade para encontrarmos mais participantes. O espaço da coleta foi o *Campus I* da UFPB e procuramos aplicá-lo com o maior número de respondentes possíveis.

Os dados coletados foram interpretados e analisados. Para a apresentação da análise foram compostas as Tabelas 1, 2, 3, 4 e 5. As colunas representam a amostra total (N=375) e o grupo de risco composto pelos estudantes considerados financeiramente em risco (N=41). O critério utilizado para classificar o grupo em risco foi a existência, nas respostas, de pelo menos uma das quatro características, apresentada por Lyons (2007), em indivíduos portadores de cartões de crédito: 1) limite de crédito igual ou superior a R\$1.000,00; 2) inadimplentes no pagamento da fatura; 3) Atingem o limite de crédito e 4) o não pagamento do total da fatura.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados a partir dos questionários aplicados foram analisados em cinco Tabelas que estão expostas neste Capítulo. Na Tabela 1 estão as características demográficas desta pesquisa.

Tabela 1 – Características demográficas da pesquisa

Variáveis (%)	Total (375)	Grupo de risco (41)
Características demográficas		
Gênero		
Masculino	45,1	34,1
Feminino	54,9	65,9
Estado civil		
Solteiro	93,3	90,2
Casado	6,7	9,8
Primeira pessoa da sua família a fazer ensino superior	19,7	14,6
Idade		
Menor ou igual a 19 anos	22,7	12,2
20-21 anos	34,4	26,8
22-23 anos	22,1	34,1
24-25 anos	8,8	14,6
26-29 anos	8,5	12,2
30 anos ou mais	3,5	0,0
Comportamento financeiro		
Você é financeiramente independente	23,7	34,1
Sua situação financeira afeta a capacidade de se concentrar em seus estudos	26,1	41,5
Possui dificuldade para dormir ou algum desconforto físico devido sua situação financeira	12,8	19,5

Fonte: elaborada pelo autor.

Os indivíduos classificados no grupo de risco de má gestão de crédito representam 10,9% do total da amostra. Na pesquisa de Lyons (2007) os que representam apenas uma das características de risco são 31%. As mulheres são mais presentes no todo, com pouca diferença dos homens no geral. Há elevada disparidade de gênero se compará-los com o grupo de risco. Chega-se a

aproximadamente 93% maior no número de mulheres (65,9%) frente aos homens (34,1%).

As maiores concentrações de participantes estão entre as faixas etárias de 20 a 21 anos e 22 a 23 anos. São poucos os financeiramente independentes, 23,7 % no total e 34,1% no grupo de risco. Os indivíduos do grupo de risco são mais propensos a serem afetados na vida acadêmica e apresentar desconfortos físicos ocasionados por sua situação financeira.

Tabela 2 – Descrição do uso de cartões de crédito

Variáveis (%)	Total (375)	Grupo de risco (41)
Possui cartão(s) de crédito	68,8	100
Usos dos cartões de crédito		
Possuem 4 ou mais cartões	15,1	19,5
Débito nos cartões de crédito entre R\$500,00 e R\$999,99	12,0	12,2
Débito nos cartões de crédito acima de R\$1.000,00	5,8	9,8
Inadimplentes no pagamento da fatura	9,7	61,0
Utilizam o limite máximo dos cartões	50,8	61,0
Não pagamento do total da fatura	9,3	58,0
Obtenção do cartão de crédito		
Antes de iniciar a universidade	41,5	34,2
No primeiro ano	33,3	39,0
Depois do primeiro ano	25,2	26,8
Aquisição do cartão de crédito		
Entregue via correio	20,5	19,5
Na Universidade	14,0	22,0
No banco	41,5	46,3
Via telefone	3,9	4,9
Através de familiares	16,7	2,4
Outros	3,5	4,9

Fonte: elaborada pelo autor.

O levantamento dos dados coletados mostrou que 68,8 % da amostra da pesquisa possui cartão de crédito. No estudo feito por Lyons (2007) 78,8% dos

pesquisados possuíam no mínimo um cartão de crédito. Isso implica dizer que a maioria dos discentes pesquisados são titulares.

Em relação ao uso de cartão(s) de crédito, os integrantes do grupo de risco possuem mais cartões (19,5%), os com débitos superiores a R\$1.000,00, (9,8%), são mais inadimplentes em relação à periodicidade no pagamento. E 61% utilizam o limite máximo disponível para crédito e responderam que frequentemente não pagam o total da fatura (58,0%).

Os percentuais iguais da inadimplência no pagamento da fatura e utilização do limite máximo é explicado devido a marcação das respostas nos questionários. Os indivíduos identificados no critério de inadimplentes no pagamento são os mesmos do limite máximo dos cartões, apresentando, assim, mais de uma característica de risco.

Na amostra total 15,1% dos pesquisados possuem 4 ou mais cartões. Cerca de 82, 2% apresentam débitos inferiores a R\$500,00. Os adimplentes no pagamento são 90,3%. Utilizam o limite máximo de seus cartões aproximadamente 51 % do total. E 90,7% pagam o valor total da fatura. Isso demonstra que os participantes considerados adimplentes coincide com o percentual que paga o valor total da fatura.

A maioria dos indivíduos, tanto da amostra quanto do grupo de risco, adquiriu cartão de crédito antes do ingresso na universidade, 41,5% e 34,2 respectivamente, e após o primeiro ano na IES 33,3% da amostra e 39,0% do grupo de risco adquiriram limite de crédito através da modalidade do cartão. Isto demonstra o quanto é importante a Educação Financeira na Educação Básica e Superior, pois dentre os jovens estão se inserindo antes mesmo de se tornarem universitários.

Observa-se que 74,8% dos respondentes e 73,2 % dos estudantes em grupo de risco cursaram até o primeiro ano, dois períodos letivos, com posse de cartões de crédito, obtiveram seus cartões majoritariamente nos próprios bancos. Isso demonstra que os usuários que estão ingressando no Ensino Superior são mais propensos a possuírem mais cartões de crédito. Resultado semelhante ao encontrado por Lyons (2007) que a maioria dos estudantes obtém cartão(s) de crédito de antes do início da vida universitária ou até o primeiro ano acadêmico.

Na Tabela 3 aborda-se as preferências sobre recebimento de informações sobre as práticas financeiras, inclusive às de créditos.

Tabela 3 – Preferências sobre recebimento de informações financeiras

Variáveis (%)	Total (375)	Grupo de risco (41)
Como gostaria de receber informações financeiras?		
Em eventos oferecidos na Universidade	45,6	43,9
Em materiais impressos	28,0	36,6
Na <i>internet</i>	51,5	63,4
Com um profissional em finanças	49,9	48,8
De quem gostaria de receber informações financeiras?		
De professores	55,2	61,0
De outros alunos	15,2	22,0
De conselheiros de ajuda financeira	33,6	41,5
De profissionais financeiros	77,1	82,9
De familiares	25,3	22,0
Por conta própria	5,1	2,4
Onde e de quem encontrou informações sobre crédito?		
Na família	56,5	39,02
No ensino médio ou na universidade	32,5	36,59
Na <i>internet</i>	55,2	73,17
Em instituições financeiras	21,6	31,71
Em organizações sem fins lucrativos	3,2	2,44
Em livros, revistas ou jornais	29,3	24,39
Na televisão ou rádio	29,3	21,95
Não procurei informações	3,7	4,88

Fonte: elaborada pelo autor.

Em relação ao modo de receber informações financeiras, tanto o grupo total de respondentes quanto o grupo de risco responderam que preferem, primeiramente, receber informações pela *internet*, e em seguida com profissional de finanças, depois em eventos na universidade (palestras, oficinas) e por fim através de matérias impressos. Isto demonstra a facilidade de acesso que os universitários têm a *internet*. A respeito das pessoas que possam ajudar com informações financeiras, novamente a amostra total da pesquisa e o grupo de risco selecionaram primeiramente receber informações: dos profissionais financeiros (77,1% e 82,9%, respectivamente); dos professores (55,2% e 61,0%, respectivamente) e dos

conselheiros de ajuda financeira (33,6% e 41,5%, respectivamente). Sobre a obtenção de informações sobre crédito, o mais citados, em ordem decrescente, foram a *internet*, a família e no Ensino Médio e na Universidade, respectivamente.

Comparando aos resultados obtidos por Lyons (2007), a primeira escolha sobre o modo de receber informações financeiras foi com um profissional da área (51,9%), a segunda escolha foi a *Internet* (47,7%), e, através de material impresso (40,8%) como a terceira. Sobre as pessoas que possam ajudar com informações financeiras, a autora encontrou que 58,2% preferem profissionais financeiros, 49,8% escolheram os familiares e 44,7% conselheiros de ajuda financeira. Sobre onde os alunos encontraram informações úteis sobre o crédito, a primeira resposta foi dos pais (73,5%), a segunda foi dos amigos (21,7%), e terceira de instituições financeiras (18,0%).

Tabela 4 – Conhecimentos e preferências por temas de Educação Financeira

Variáveis (%)	Total (375)	Grupo de risco (41)
Quão importante são cada tópico financeiro?		
Gestão financeira pessoal e orçamento	73,1	63,4
Cartões de crédito e prazos de pagamento	48,3	53,7
Empréstimo para compra de veículo	28,3	29,3
Financiamento de uma educação universitária	44,5	46,3
Poupar e investir	73,6	68,3
Planejamento para aposentadoria	58,9	43,9
Qual o entendimento por cada tópico financeiro?		
Gestão financeira pessoal e orçamento	52,8	43,9
Cartões de crédito e prazos de pagamento	46,9	46,3
Empréstimo para compra de veículo	28,0	29,3
Financiamento de uma educação universitária	36,0	41,5
Poupar e investir	61,9	51,2
Planejamento para aposentadoria	37,9	26,8

Fonte: elaborada pelo autor.

Com relação ao nível de importância, o total dos alunos classificaram os temas “poupar e investir”, “gestão financeira pessoal e orçamento” e “planejamento

para aposentadoria” como sendo mais importante que “cartões de crédito e prazos de pagamento”, “financiamento de uma educação universitária” e “empréstimo para compra de veículo”. No entanto, os alunos financeiramente em risco, classificaram, diferente do total, o tema “cartões de crédito e prazos de pagamento” no lugar de “Planejamento para aposentadoria”, respectivamente. Porém 53,7% dos indivíduos do grupo de risco consideram o tema de cartões de crédito mais importante que 48,3% daqueles não estão inseridos neste grupo.

Ao observar o nível de entendimento, os alunos tendem a classificar seu nível de compreensão por um tema específico menor do que o quão importante eles o classificaram. Por exemplo, 73,1% do total consideram importante o tópico “Gestão financeira pessoal e orçamento”, no entanto, apenas 52,8% disseram entender do tema. A diferença entre o nível de importância e o nível de entendimento foi semelhante entre demais tópicos. Isso demonstra que eles compreendem a importância em conhecer os temas pesquisados mas não tiveram a oportunidade de aprenderem Educação Financeira. Curiosamente 53,7% do grupo de risco acreditam ser importante o tema “cartões de crédito e prazos de pagamento”, enquanto 46,3% admitem entender o tópico. Presume-se que os estudantes classificados nesta pesquisa como pertencentes ao grupo de risco de gestão de crédito, apresentam baixo conhecimento sobre o assunto.

Na Tabela 5 estão apresentados os dados coletados para demonstrar a intenção dos respondentes em participarem de cursos relacionados à Educação Financeira.

Tabela 5 – Participação de cursos relacionados à finanças

Variáveis (%)	Total (375)	Grupo de risco (41)
Participaria de um curso relacionado a finanças pessoais oferecido pela universidade?		
Sim, apenas se o curso for gratuito	43,2	48,8
Sim, apenas se o curso oferecer certificado com carga horária	21,3	14,6
Sim, independente de ser gratuito e ter certificado com carga horária	20,5	12,2
Não	15,0	24,4
Já participou ou está participando de curso sobre finanças pessoais?		
Sim	18,1	12,2
Não	81,9	87,8

Fonte: Elaborada pelo autor.

A respeito da participação de um curso relacionado à finanças, 85,1% dos pesquisados participariam. Sendo que 43,2% participariam apenas se for gratuito, 21,3% se o curso oferecer certificado e 20,5% se for gratuito e tiver certificado. Isso demonstra que os universitários têm interesse em aprenderem noções de Educação Financeira. Ao analisar os indivíduos do grupo de risco, 75,6% responderam que participariam do curso. Contudo os dados mostram que maioria se interessa em participar apenas se o curso for gratuito, o interesse pela participação diminui se o curso for pago. Pode-se supor que os mais interessados nesse tipo de curso dão que menos atenção do que os demais.

Observa-se, também, que os estudantes classificados em grupo de risco de gestão de crédito desconhecem as consequências de seus hábitos com o uso de cartões de crédito. Isso demonstra que quanto menos importância se dá para as noções de Educação Financeira maior é a probabilidade do universitário ser classificado como grupo de risco

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa cujo objetivo era identificar as práticas financeiras na utilização de cartões de crédito, utilizadas pelos alunos da UFPB, e suas eventuais necessidades em conhecerem noções de Educação Financeira. Para alcançar este objetivo, estipularam-se quatro objetivos específicos, sendo o primeiro fornecer uma descrição detalhada do uso de cartão de crédito e as práticas financeiras dos estudantes universitários. O segundo foi identificar e caracterizar os alunos que estão em maior risco pela má gestão e mal uso de crédito. O terceiro foi identificar as consequências dessa gestão financeira para os alunos. E o quarto foi evidenciar a prática do (des)uso da Educação Financeira pelos alunos.

O terceiro e quarto objetivos foram alcançados através da revisão bibliográfica e pela aplicação do questionário de pesquisa, que apontou o baixo nível de conhecimento dos jovens é causado pela presença no estágio inicial do seu ciclo de vida financeiro. Assim, verificou-se que os problemas do mau gerenciamento das dívidas de cartões de crédito contribuem para: acúmulo de dívidas, problemas financeiros, problemas emocionais e baixo desempenho acadêmico.

O primeiro e segundo objetivos foram obtidos por meio da aplicação de um questionário com os discentes da UFPB – foram aplicados 410 questionários mas apenas 375 foram validados. Com isso, evidenciou-se que aproximadamente 11% da amostra da pesquisa foram classificados como risco de má gestão de crédito, observado o critério para classificação.

Quanto às características demográficas do grupo de risco é composto na maioria por mulheres e de até 23 anos. Cerca de 42% dos classificados nesse grupo admitiram que sua situação financeira afeta sua capacidade de estudo.

Em relação ao uso de cartões de crédito os membros do grupo de risco são mais propensos de apresentarem mais de um critério que os classificam nessa categoria. A maioria do total da pesquisa possui um cartão de crédito até o primeiro ano na universidade. Preferem receber informações sobre finanças através da *internet* e de um profissional financeiro. Observou que os indivíduos do grupo de risco possuem pouco conhecimento sobre a gestão de crédito e sobre soluções para superarem as dificuldades, como participação em cursos de finanças.

Ao comparar a análise dos dados coletados com pesquisas realizadas no exterior percebe-se poucas alterações no campo qualitativo, há mudança nos percentuais, porém é evidente a falta de Educação Financeira na formação dos indivíduos na IES analisada para capacitar futuros profissionais na tomada de decisões financeiras. Pois os universitários, inclusive os paraibanos, estão se inserindo nas práticas financeiras da modalidade de cartão de crédito sem possuírem o conhecimento de Educação Financeira e com isso se colocam em situação de risco por não saber gerir sua finança pessoal.

Pode-se concluir que a Educação Financeira tem que está presente no cotidiano escolar para que se formem profissionais conscientes das práticas financeiras com a utilização do cartão de crédito.

REFERÊNCIAS

- ABECS (Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços). Disponível em: <<http://www.abecs.org.br/site2012/indicadores.asp>>. Acessado em 10 mai. 2014
- ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Monografia no curso de Administração**: Guia Completo de Conteúdo e Forma. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ALESSIE, Rob J.; VAN ROOIJ, Maarten; LUSARDI, Annamaria. **Financial Literacy, Retirement Preparation and Pension Expectations in the Netherlands**. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1857812>. Acesso em: 10 nov 2013.
- ALMENBERG, Johan; SÄVE-SÖDERBERGH, Jenny. **Financial Literacy and Retirement Planning in Sweden**. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1809736>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- ALVARENGA, Bruno Ribeiro. **A regulação do mercado de cartões de crédito no Brasil**: uma análise à luz da Teoria dos Jogos. s/l, 2006.
- BAUM, S; O'MALLEY, M. College on credit: How borrowers perceive their education debt. **Journal of Student Financial Aid**, v. 33, n. 3 p. 7-19. s/l. 2003.
- BRASIL. **Estatuto da juventude**. Brasília, 2013. Disponível em: em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> e acessado em 26 maio 2014.
- BUCHER-KOENEN, Tabea; LUSARDI, Annamaria. **Financial Literacy and Retirement Planning in Germany**. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1813744>. Acesso em: 10 nov 2013.
- CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald, P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.
- CNC. **Pesquisa de inadimplência do consumidor**. Disponível em: <http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/analise_peic_-_julho_2014.pdf>. E acessado em: 02 julho 2014.
- CROSSAN, Diana; FESLIER, David; HURNARD, Roger. **Financial Literacy and Retirement Planning in New Zealand**. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1809680>. Acesso em: 10 nov 2013.
- FORNERO, Elsa, MONTICONE, Chiara. **Financial Literacy and Pension Plan Participation in Italy**. 2011. Disponível em: <<http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm>>

?abstract_id=1810475>. Acesso em: 10 nov. 2013.

JOHNSON, Creola. Maxed Out College Students: A Call to Limit Credit Card Solicitations on College Campuses. **New York University Journal of Legislation and Public Policy**, v. 8, p. 191-277, 2005.

KLAPPER, Leora; PANOS, Georgios. A. **Financial Literacy and Retirement Planning in View of a Growing Youth Demographic: The Russian Case**. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1809723>. Acesso em: 10 nov. 2013.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **Financial Literacy and Retirement Planning: New Evidence from the Rand American Life Panel**. 2007. Disponível em: <<http://www.mrrc.isr.umich.edu/publications/papers/pdf/wp157.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

LUSARDI, Annamaria; TUFANO, Peter. **Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness**. 2009. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w14808.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **Financial literacy and retirement planning in the United States**. 2011. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w17108.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

LYONS, Angela, C. A Qualitative Study on Providing Credit Education to College Students: Perspectives from the Experts. **The journal of consumer education**, v. 22, p. 9-18, 2003.

LYONS, Angela, C. A profile of financially at-risk college students. **The Journal of Consumer Affairs**, forthcoming, vol. 38, p 56-80, 2004.

LYONS, Angela, C. **Credit practices and financial education needs of Midwest college students**. 2007. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1060801>. Acesso em: 10 nov 2013.

OXFORD, Dictionary. Disponível em <<http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/policymaker>>. Acessado em 20 jun. 2014.

_____, Recommendation on principles and good practices for financial education and Awareness. Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>> Acessado em 15 mai. 2014

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE, About OECD., 2011. Disponível em <<http://www.oecd.org/about/history/>>. Acessado em 15 mai. 2014

SAVOIA, J.R.F.; SAITO, A. T.; PETRONI, L. M. A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Economico (OCDE). In: **Seminário em Administração**, 9., 2006, São Paulo. Anais... Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/45.pdf> Acessado em 15 mai. 2014

VARCOE, K.; PETERSON, S.; GARRETT, C.; MARTIN, A.; RENÉ, P.; COSTELLO, C. What teens want to know about financial management. **Journal of Family and Consumer Sciences**, vol 93, p 30 -34, 2001

XIAO, J. J., NORING, F. E., ANDERSON, J. G. College students' attitudes towards credi cards. **Journal of Consumer Studies and Home Economics**, vol 19, nº 2, p. 155-174, 1995.

Xiao, J.,J; SERIDO, J.; SHIM S. **Financial Education, Financial Knowledge and Risky Credit Behavior of College Students**. 2010. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1709039>. Acesso em: 17 mai. 2014.

Xu, Lisa; Zia Bilal. **Financial Literacy around the World: An Overview of the Evidence with Practical Suggestions for the Way Forward**. 2012. Disponível em: <http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IW3P/IB/2012/06/27/000158349_20120627090058/Rendered/PDF/WPS6107.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.

ANEXO – Questionário de pesquisa

Questionário da pesquisa: A Educação Financeira e a prática do uso de cartões de crédito.

Este questionário tem como objetivo a coleta de dados com fins acadêmicos para a elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso

Parte 1 Conhecimentos atuais do uso de crédito

1. Você possui cartão de crédito?

Sim

Não

Se sua resposta da questão 1 for “não” pule para a questão 11. Se sua resposta for sim continue para questão 2

2. Quantos cartões de crédito você possui em seu nome? (Inclui cartões de banco, lojas, etc.)

1

2

3

4

5 ou mais

3. Quando você obteve seu primeiro cartão de crédito?

Antes de iniciar a universidade

No primeiro ano da universidade

Depois do meu primeiro ano na universidade

4. Qual o valor total que você deve em seu(s) cartão(s) de crédito?

R\$0,00 (Eu não devo nada)

R\$ 1,00 a R\$249,00

R\$250,00 a R\$499,00

R\$500,00 a R\$ 749,99

R\$750 a R\$999,99

Acima de R\$1000,00

Não tenho certeza

5. Nos últimos anos você atrasou o pagamento de seu(s)cartão(s) de crédito em 2 meses ou mais?

Sim

Não

6. Com qual frequência você paga o valor total da fatura de seu(s) cartão(s) de crédito?

Sempre

As vezes

Nunca

7. Com qual frequência você utiliza o limite total de seu(s) cartão(s) de crédito?

Quase sempre

As vezes

Nunca

8. Como você adquiriu o cartão de crédito que mais utiliza?

Entregue via correio

Na Universidade

No banco/instituição financeira

Via telefone

Através familiares

Outros_____

9. Qual a taxa de juros anual cobrado pelo cartão de crédito que você mais utiliza?

Menos de 5% a.a.

5% - 9%a.a.

10% - 14%a.a.

15% - 20%a.a.

Acima de 20%a.a.

Não tenho certeza

10. Qual o limite máximo de crédito disponível do cartão de crédito que você mais utiliza?

R\$0 a R\$499,00

R\$500,00 a R\$999,00

R\$1000,00 a R\$1999,00

R\$2000,00 a R\$3999,00

R\$4000 ou mais

Parte 2 Educação Financeira

11. Quão **importante** são cada tópico financeira você? Por favor, classifique em uma escala de 1 a 5. Sendo 1 muito importante e 5 nada importante.

Gestão financeira pessoal e orçamento

Cartões de crédito e prazos de pagamento

Empréstimo para compra de veículo

Financiamento de uma educação universitária

Poupar e investir

Planejamento para a aposentadoria

12. Qual é o seu **entendimento** por cada tema financeiro? Por favor,

classifique em uma escala de 1 a 5. Sendo 1 compreendo totalmente e 5 não compreendo

Gestão financeira pessoal e orçamento

Cartões de crédito e prazos de pagamento

Empréstimo para compra de veículo

Financiamento de uma educação universitária

Poupar e investir

Planejamento para a aposentadoria

13. Você se inscreveria para um curso **presencial** relacionada com finanças pessoais, se for oferecido pela universidade? (marque apenas uma alternativa)

Sim, apenas se o curso for gratuito

Sim, apenas se o curso oferecer certificado com carga horária

Sim, independente de ser gratuito e ter certificado com carga horária

Não

14. Você se inscreveria para um curso **online** relacionada com finanças pessoais, se for oferecido pela universidade? (marque apenas uma alternativa)

Sim, apenas se o curso for gratuito

Sim, apenas se o curso oferecer certificado com carga horária

Sim, independente de ser gratuito e ter certificado com carga horária

Não

15. Você já participou ou está participando de algum curso no ensino médio ou no ensino superior relacionado a finanças pessoais?

Sim

Não

16. Nos últimos anos, onde e de quem você encontrou informações úteis sobre o crédito? (Assinale todas as que se aplicam)

Familiares

No ensino médio ou na Universidade

Internet

Instituições financeiras

Organizações ou empresas sem fins lucrativos

Livros, revistas e jornais

Televisão e rádio

Não tenham ido para encontrar informações

17. Se você estivesse precisando de informações sobre finanças pessoais,

como você gostaria de receber estas informações? (Assinale todas as que se aplicam)

Em eventos(palestras, seminários ou minicursos) oferecidos na Universidade

Em materiais impressos (panfletos ou cartilhas)

Na *Internet*

Numa conversa com um profissional em finanças

18. De quem você gostaria de receber essas informações? (Assinale todas as que se aplicam)

Professores

Outros alunos / colegas

Conselheiros de ajuda financeira

Profissionais financeiros

Familiares

Prefiro receber essas informações por conta própria

Parte 3 Informações pessoais

19. Qual semestre você está cursando na Universidade?

20.Qual é sua faixa etária?

18-19 anos ou menos

20-21 anos

22-23 anos

24-25 anos

26-29 anos

30-39 anos

40-49 anos

50 anos ou acima

21. Qual seu gênero?

Masculino

Feminino

22. Qual seu estado civil?

Solteiro(a), sem filho(s)

Solteiro(a), com filho(s)

Casado(a), sem filho(s)

Casado(a), com filho(s)

23. Você é a primeira pessoa na sua família a cursar uma instituição de ensino superior?

Sim

Não

24. Você é financeiramente independente?

Sim

Não

25. Qual tipo de residência na qual mora?

Residência universitária

Apartamento (aluguel)

Casa (aluguel)

Mora com os pais / familiares

Outros _____

26. Sua situação financeira afeta a capacidade de se concentrar em seus estudos?

Sim

Não

27. Você apresenta dificuldade para dormir ou possui algum desconforto físico por causa da sua situação financeira?

Sim

Não